



GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a,
Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a,
Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a

Este grupo de trabalho é fruto de estudos e esforços da antropologia brasileira em compreender das práticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos últimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as práticas esportivas estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e têm adquirido maior visibilidade, tanto no cenário brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no número de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude temática), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticalização) de problemáticas concernentes à área. Nesse sentido, é no espaço do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais clássicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indivíduo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, além de outros mais contemporâneos, como as questões de gênero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetivações e as próprias práticas esportivas. Essas temáticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, natação, dança e outras. O objetivo deste GT, portanto, é possibilitar e dar manutenção ao espaço de diálogo, trocas, interlocução e colaboração entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Brincar com seriedade: A esportivização da prática de se soltar pipa

Autoria: Fernando Cabral Morselli Guerra

A prática de soltar pipa, vem sendo modificada consideravelmente ao longo dos últimos anos. Prova disto é que em dias atuais, pode-se ver a atividade sendo realizada em sua maioria por adultos, que se deslocam a locais específicos em dias pré-estabelecidos para realizar tal atividade. Em meio a este cenário, vislumbra-se ainda uma crescente tentativa de (re)interpretar a pipa, desta vez como esporte. Tal fato é muito sugestivo quanto à mudança de tom relacionada à prática de se soltar pipa. Se antes a brincadeira continha apenas regras subentendidas e coletivamente aceitas, agora passa a ter um estatuto, que temporariamente é rediscutido e aprimorado, confirmando uma tentativa de controlar o que se considerava descontrolado. Tal ação é baseada majoritariamente em uma esperança de se desvincular do estigma de "marginal", "vadio" e "inferior" de que a pipa e seus adeptos sofrem cotidianamente. A criação da Liga Carioca de Pipa Esportiva em 2017 trouxe a tona um outro perfil de pipeiro, diferente do indivíduo que costumava frequentar os festivais de pipas em suas horas de lazer. Uniformizado e com treinos regulares, disputando prêmios e um acesso a campeonatos internacionais, o pipeiro dos campeonatos passa a entender-se como atleta, deixa de frequentar festivais. Isto acaba criando certo estigma entre os praticantes da atividade de soltar pipa, isto é: pipeiros frequentam os festivais, atletas da pipa somente os campeonatos. Ou seja, ao transformar o que era brincadeira em esporte, se eleva o status da prática, retirando dela seu caráter marginal. Dentro do ideal social que temos, ser marginal é não seguir os padrões hegemônicos de comportamento, estar no limiar. Se é marginal por transgredir os valores estabelecidos em códigos, estatutos e etc. Então, pipeiros de festival não seguem os códigos e continuam sendo marginais, pipeiros de campeonato carregam consigo o acordo de seguir as regras estabelecidas em estatuto e ganham outro status. Ao que parece então, o problema não está exatamente em ser marginal, mas sim na forma em que a atividade é exercida pelo indivíduo, isto pois,



sabemos que há certo preconceito com atividades de lazer de uma forma geral, sendo ele visto como o contrário do work, aonde se estabeleceria a seriedade regrada e necessária para se conviver em sociedade. Através do que podemos chamar de ?esportivização?, eleva-se o simples jogo ou a brincadeira ao status de esporte, dando a ele ares hegemônicos de civilidade. Ou seja, um regulamento próprio que deve ser seguido, onde todos os praticantes estão de acordo e cientes dos limites a que se pode chegar. Isto parece dar caráter pudico a atividade de soltar pipa, atestando-a como prática usual entre a sociedade.



Realização:



Apoio:



Organização:

